

Museu quer refletir diversidade da casa brasileira

Adélia Borges, que está dirigindo o MCB há dois meses, pretende transformar o espaço nobre da Avenida Faria Lima num lugar vivo, com espaço para reflexão e realização de mostras criativas, como 'Meninas Geraes' e 'Moradas do Brasil', que abrem hoje para o público

MARIA HIRSZMAN

O Museu da Casa Brasileira (MCB) está em plena reestruturação e deverá em breve apresentar-se de cara nova ao público paulistano. Haverá nesse processo, é certo, uma série de pequenas intervenções físicas – como a construção de um pequeno auditório para a realização de encontros e conferências –, mas o ponto central desse processo pelo qual passa o museu é a transformação desse local privilegiado, em plena Avenida Faria Lima, num espaço de reflexão e divulgação da arquitetura e do design no Brasil. A jornalista e uma das poucas críticas especializadas nesse campo, Adélia Borges, assumiu há dois meses a direção da instituição e já tem uma série de planos para torná-la uma instituição viva, que atraia público leigo e especializado. O ponto de partida mais visível será dado hoje, com a abertura para o público de duas exposições que associam cultura e arquitetura, artesanato e design. Aproveitando a ocasião das inaugurações próximas das mostras *Meninas Geraes* e *Moradas do Brasil*, ela deu uma entrevista ao Estado sobre o novo rumo que pretende dar ao museu.

Estado – Qual é o seu projeto para o museu?

Adélia Borges – A gente precisa atrair mais gente, transformá-lo num espaço vivo. Quantas vezes você esteve aqui ano passado? E quantas vezes você foi à Pinacoteca? Ou ao MAM? Claro, não estou querendo ser o que não serei nunca. Mas acho que museus pequenos também têm seu

charme, você consegue compreendê-los mais rapidamente. Este também é um museu particularmente beneficiado por sua localização privilegiada. Há muita gente querendo alugar o espaço, o que é uma forma bastante interessante de conseguir recursos extras. Mas hoje essa é uma fonte de renda quase preponderante e eu queria começar a ter outras alternativas, senão acabamos entrando num círculo vicioso, prejudicando a programação de exposições. A médio prazo, quero reverter isso.

Estado – Um dos seus projetos é revalorizar o Prêmio Design, não?

Adélia – Já consegui um patrocínio da Duratex para ajudar a financiar, com a secretaria estadual de Cultura, a 17.ª edição do Prêmio. Fizemos também pequenas alterações no edital. Não faz sentido, por exemplo, diferenciar mobiliário residencial numa época de home office, em que você trabalha em casa, se diverte no trabalho... Também há muita coisa legal de mobiliário urbano que

poderá entrar. Ampliei o universo e estou fazendo um corpo a corpo com os designers para que voltem a se inscrever.

Estado – A cenografia é da Janete Costa. Isso vai se repetir?

Adélia – Eu não quero ter apenas um arquiteto para não ficar com uma cara única. Gosto do trabalho da Janete há muito tempo, ela tem essa mistura entre o erudito e o popular, sem preconceitos, que quero ter aqui. Não é só o contemporâneo, mas é também a pesquisa das coisas passadas. Mas quero que esse museu seja um espelho das diferentes formas de você traba-



Adélia Borges no jardim, com escultura de Weissmann ao fundo: portas abertas

lhar os espaços expositivos. O Haron Cohen, que fez *O Brasil dos Viajantes* (mostra realizada em 94 no Masp) já está contratado para o Prêmio Design. Suas montagens trazem emoção e o design hoje está muito associado a coisas caras, metidas a besta, "clean". Todo mundo que escreve sobre design já tem um adjetivo de cara: clean ou arrojado. Exposição de arquitetura apenas com plantas só arquiteto gosta, e olhe lá. E quero que as mostras que se realizem aqui sejam compreendidas, acessíveis a todo mundo. Faz tempo que, como curadora, tenho procurado criar mostras com temas específicos, mas não para um público específico. Mostras que encantem, por exemplo, as crianças, já que o interesse delas é o maior indicio de que algo está bem montado.

Estado – Você assumiu há dois meses. Foi o tempo de preparar essas exposições e mergulhar um pouco no acervo. As mostras têm algum valor simbólico?

Adélia – Por que essas exposições? Nossa coleção é mais antiga e retrata uma classe social: é a casa da elite que está retratada e eu quero que aqui seja o Museu da Casa Brasileira. É que não é design e arquitetura cai como exposição, a não ser o jardim, onde pretendo colocar esculturas. Aos domingos, às 11 horas, teremos uma

programação musical gratuita. Quero que o museu se comunique mais com a rua, com o entorno. A pessoa mais importante que vem a este museu é o público. O portão está sempre aberto.

Estado – Seria uma espécie de redemocratização do museu?

Adélia – Quero mostrar essa riqueza, nem sei se é redemocratização. Por isso *Moradas do Brasil*. Há 30 anos Rui Faquini está percorrendo cidades diferentes. E o que ele está mostrando? Que essa intenção estética não está só na Casa Cor.

Estado – Aliás, melhor que muita coisa da Casa Cor, não?

Adélia – Para mim, certamente. Acho muito legal trazer de cara isso. Mostrar algo que independe da classe social e que até é mais presente nessas casas mais pobres, ou mais humildes. Acho que o brasileiro é muito pouco funcionalista, bauhausiano. Temos esse gosto pelo enfeite, essa coisa mais barroca, que eu acho muito legal. Até a pintura corporal indígena tem isso.

Estado – Haveria uma espécie de deslocamento entre o discurso culto do design e o que é feito na prática?

Adélia – Eu diria que isso é um problema no design brasileiro hoje. Se puder-

mos diminuir esse fosso, estaremos fazendo um bom trabalho, com consequências até ideológicas. Esses dois mundos têm de se aproximar. As pessoas estão indo à Casa Cor para ver as últimas tendências. Odeio a frase "o que a gente está usando"! Isso tem até a ver com este tempo que estamos vivendo, de obsolescência programada. Você tem de trocar tudo, de marido, de casa, de moda, de roupa, senão você não é uma pessoa bem-sucedida. Podemos tratar esses temas de forma crítica, por meio dessas exposições. A primeira coisa que vou fazer com o acervo é mexer um pouco na mostra permanente, que já está aí há quatro anos. Estou querendo pegar parte desse material e conceber uma exposição que viaje pelo interior, por museus da própria rede estadual.

Estado – Assim você também terá mais espaço para mostras?

Adélia – É para ampliar o acervo. Quero enriquecê-lo com peças contemporâneas. A grande riqueza do design brasileiro é a década de 50, período particularmente rico em que tínhamos Zanine Caldas, Joaquim Tenreiro, Sérgio Rodrigues... É o modernismo no mobiliário que precisa estar aqui. Nós vamos até o começo da industrialização, com a cama Patente e a cadeira Cimo. Temos também o começo da art déco no Brasil, com o John Graz, mas depois se lançaram as bases do que estamos vivendo hoje e não temos aqui. Queria também fazer leituras de acervo. Fiz uma mostra em Curitiba que se chamava *História do Sentar*, na qual mostrava a evolução do sentar brasileiro. E aqui tenho muitos móveis de guardar. Poderia fazer algo do gênero.

Estado – É uma forma de investigar hábitos e costumes brasileiros... Você também quer incrementar a reflexão no museu, não?

Adélia – Estamos preparando uma programação consistente de debates, workshops, cursos e encontros com profissionais. Para isso, estou fazendo um miniaudiotexto. O centro de documentação, que estava fechado, foi reaberto. Começa no dia 30 com mesa-redonda sobre esse namoro entre design e artesanato.

INTENÇÃO ESTÉTICA QUE NÃO ESTÁ SÓ NA CASA COR



Arca mineira do século 18: planos de exibir móveis de guardar

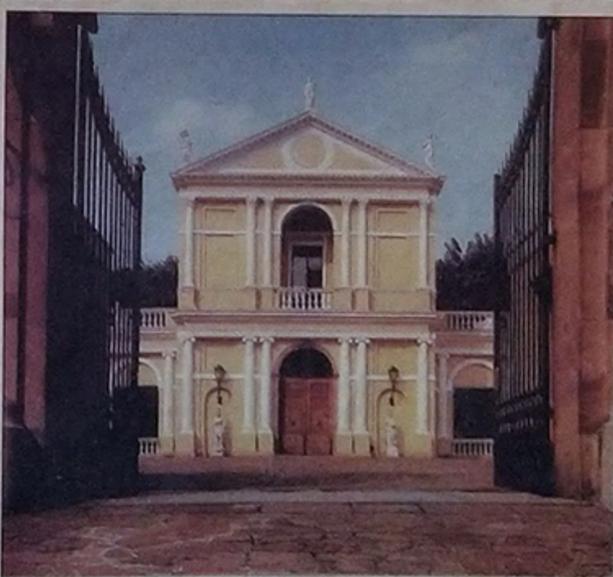
Interior de uma casa em Pirenópolis, Goiás: criatividade popular e gosto pelo enfeite do brasileiro



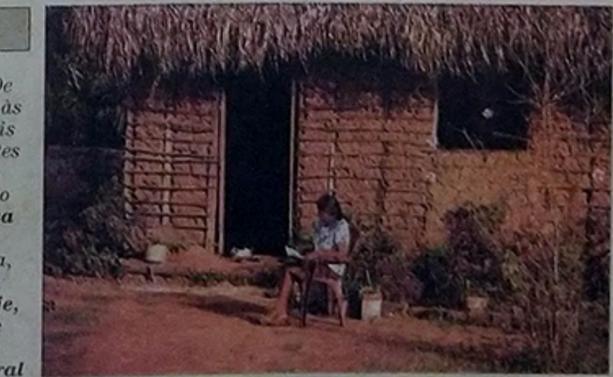
Um dos chales que poderão ser vistos hoje no MCB: aliando tradição e qualidade



SERVIÇO
Meninas Geraes e Moradas do Brasil. De terça a domingo, das 13 às 18 horas. R\$ 4,00. Grátis aos domingos (estudantes pagam meia/menores de 6 e maiores de 60 não pagam). **Museu da Casa Brasileira.** Avenida Brigadeiro Faria Lima, 2.705, tel. 3032-2564. Até 10/8. Abertura hoje, às 19h. Patrocínio de 'Moradas do Brasil': Caixa Econômica Federal



Fachada do museu, que ocupa espaço privilegiado, em plena Faria Lima: o luxo e a riqueza da elite paulista



Casinha de pau-a-pique construída em Rosário, no Estado do Maranhão: criatividade e adaptação à precariedade

MORADAS DO BRASIL



Fachadas de casas em Diamantina: arquitetura barroca

A exposição *Moradas do Brasil* traça um belo painel do jeito de morar brasileiro. Trata-se de uma mostra relativamente pequena, com 60 imagens, que consumiu um longo tempo de trabalho. Para fazer essas fotos – que vão das fachadas do casarão colonial mineiro às ocas indígenas ou casinhas de pau-a-pique e também revelam um olhar atento para o interior das casas – o fotógrafo goiano Rui Faquini peregrinou por várias cidades do País – com especial destaque para o Centro-Oeste brasileiro – ao longo de mais de 20 anos. O resultado é um trabalho de registro extremamente poético, que mescla um evidente cuidado estético com uma preocupação de cunho quase antropológico.

MENINAS GERAES

O trabalho de Renato Imbroisi com comunidades de artesãs mineiras e que hoje já se espalhou por várias regiões do País é bastante conhecido por aqueles que se interessam por design e cultura popular, o que torna ainda mais espantoso o fato de que essas preciosidades confeccionadas por mulheres que redescobriram as tradições artesanais de suas regiões só agora tenham sido reunidas numa exposição individual em um espaço museológico. Para mostrar melhor como trabalham essas mulheres, a mostra contrapõe os objetos ao mesmo tempo tradicionais e inovadores – com grande qualidade técnica – realizados por essas artesãs anônimas a um ensaio fotográfico de Lena Trindade.



Flor em crochê que enfeita lençol feito em Minas Gerais